

ESTUDOS

RAUL BRANDÃO (*)

FRANCISCO BALTHAR PEIXOTO

Não será demasiado repetir que o artista vive verdadeiramente através de sua produção. Nem sempre por se dar inteiramente a ela, porquanto, não raras vêzes, o seu tempo se consome em atividades e labores sem atrativo e sem sedução, sobrando-lhe apenas, momentos furtivos para a elaboração de sua arte. No entanto, na grande generalidade, mesmo as atitudes, aparentemente vulgares de sua vida, projetam-se com expressividade ao longo de sua obra, a ponto de não podermos analisá-los separadamente. É o que ocorre com Raul Brandão, cujo centenário de nascimento se comemora êste ano e cuja vida se pode deprender através dos livros que nos deixou.

Nascido na Foz do Douro, em 1867, o cenário que primeiro lhe impressionou a visão, foram as paisagens da orla marítima, com sua vastidão e o seu permanente convite à meditação das coisas insondáveis, dos mistérios da criação, do "porque" dos destinos do homem. A par, evidentemente, do sentimento de nostalgia que envolve, de maneira indelével, a quantos vivem à beira-mar. Nostalgia que êle transformou em sentido de permanente interêsse e preocupação pela vida dos humildes, dos necessitados, do seu cotidiano heróico, embora despercebido, de seus anseios, de seus temores, e de suas árduas tarefas. No seu livro "Os Pescadores" que dedicou como um cântico a êsses homens ignorados do mundo, encontramos esta passagem que bem resume, não o espectador impassível ante o sofrimento, mas o homem de larga piedade que envolve no sentimento de justiça, os sêres que descreve e sua luta permanente para subsistir:

(*) Êste ensaio foi lido no "Seminário de Verão" sôbre Literatura Portuguesa, promovido pelo Inst. de Estudos Portugêses e o Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, em Novembro de 1967.

“De tôdas estas figuras, diz êle, ficou-me uma para sempre: um tipo sem nome, maior que a realidade, de músculos como cordas. Sua missão no mundo é remar. De trilhar o remo ficou curvo e tem as palmas tão encortiçadas que nelas afia navalha como numa pedra de amolar. O mar denegrou-o e engrandeceu-o. Não sabe exprimir-se e mal nos conseguimos entender. Mas não me mete mêdo como outras figuras trágicas da vida: olha para mim e só lhe leio nos olhos ingenuidade e ternura...”

E nêsse particular, merece ser destacado um aspecto sutil dessa sua comiseração pelo sofrimento dos humildes. Talvez uma das mais importantes facetas de sua personalidade. Era uma forma tôda especial de remorso pela miséria da humanidade. Êle se considerava culpado ou, pelo menos, complacente com a fatalidade das dôres dos seus semelhantes. “Há dias em que a gente se sente responsável por todo o mal que se faz no mundo”, assim pensava êle, pela bôca de uma de suas mais significativas personagens, o Gabiru, que, de resto, é a própria encarnação do escritor e da qual êle se utiliza para emitir os seus conceitos de meditação filosófica. O Gabiru é um solitário filósofo, armado da mais estranha sabedoria que Deus tem criado e que tem descoberto mundos, embora ignore as coisas mais simples desta vida. Eis como o definia Raul Brandão, em seu livro “Os Pobres”, publicado em 1906 e que introduziu na literatura portuguesa de então, o interêsse pela situação dos “humilhados e ofendidos” que os grandes mestres russos, como Dostoeiwsky haviam imortalizado em obras geniais.

Nêste livro “Os Pobres” é onde nós vamos encontrar, efetivamente, a marca autêntica do seu gênio de poeta em prosa. Entre a “História de um Palhaço” que o autor deu a conhecer em 1896 e “Os Pobres” que sômente veio à luz em 1906, existem diferenças substanciais. No entanto, em ambos, aparece bem nítida a atitude de interrogação perante a vida; já manifestada, anteriormente, quando ainda participava dos sentimentos de nefelibata que caracterizaram fundamente a mocidade literária que frequentou e com quem conviveu estreitamente na camaradagem do Pôrto. “A imobilidade não existe, a morte é uma transformação apenas... Ser hoje homem, amanhã ser sapo ou ser flor, que importa?... Que é Deus? É

esta fôrça, inconsciente, cega, fecunda, que rebenta na matéria, enche de flôres as árvores, de emoção os poetas e cega como destino, forte, sem piedade, que tudo transforma e leva numa aluvião, corações, lágrimas, cérebros para irem mais tarde, numa outra primavera, abrir de flôr as cerejeiras?... Sempre a mesma coisa, as mesmas palavras remoídas, as mesmas caras de amigos — que afinal desesperam — as mesmas idéias, que eu me surpreendo a repetir... Mas para que vivo eu? e o que é a vida?”

As figuras que encontramos em “Os Pobres”, como afirma um de seus críticos, foram surpreendidas num momento das suas vidas apagadas, e ficaram a repetir êsse momento pela vida afora. Têm a sua história — que as levou à desgraça. E contam-na, ou o autor a descreve, sem acrescentarem nada ao seu destino. Nem um entrecho, nem, apesar da multiplicidade de personagens, uma série de entremos cruzados. As personagens movem-se num ambiente turvo, comunicam, interrogam-se, sofrem e imobilizam-se no mesmo momento de onde começaram. Em dado instante, reúnem-se, numa espécie de assembléia de pobres, e cruzam-se as histórias de desgraça, as aspirações desesperadas, as hipóteses incoerentes — porque entre aqueles pobres há sábios e filósofos, que procuram nas brumas metafísicas a origem da dor e da miséria. Algumas das personagens morrem, mas a morte pouco adianta àquelas vidas.

Raul Brandão é de fato um poeta que não sabia exprimir-se pelo verso.

Êsse livro é como que uma sinfonia de vozes transfiguradas pelo sofrimento e pela angústia e que evocam atribulações e destinos trágicos. Impregnado pela concepção de Dostoeiwsky, êle sublimou a existência dêsses seres marcados pela desgraça, que o forçaram a refletir nos contrastes que a vida encerra, e se há realmente um Ser que comanda o destino dos homens.

Todavia, embora se possa classificar “Os Pobres”, de Raul Brandão como a epopéia da dor e da tristeza, como o fêz João Pedro de Andrade, no entanto, é importante observar que, nêsse romance, existe muito pouco de narrativa e as personagens, ainda que, por alguns instantes, tenham vida própria e animada, logo se transformam em meros reflexos do

espírito de seu criador, o qual as utiliza para manifestar seu espanto perante a vida, como já assinalamos, erigindo tôda uma concepção filosófica amorfa e destituída de sistematização. Espanto que é uma atitude típica de Brandão, expresso em tôda a sua obra. Espanto ingênuo, a maioria das vèzes, ao descobrir e pretender revelar que, no homem, existem, paradoxalmente, um *eu* puramente extrínseco, superficial, que se apresenta para a sociedade, e um *eu* profundo, intrínseco, a qual êle apelidou de fantasma e que bem se traduz nessas confissões de monólogo interior que encontramos em seu último livro, "O Pobre de pedir":

"Há uma disparidade entre mim e mim. Há em mim o homem correto, igual a todos os homens — e o homem que lá dentro sonha, grita e é capaz, por insignificâncias, de imaginar um terremoto ou de desejar uma catástrofe. O meu verdadeiro ser não é aquele que compus, recalcando lá para o fundo os instintos e as paixões; o meu verdadeiro ser é o fantasma que nos momentos de exaltação me leva para atos que reprovo. Não sei se a maior parte dos homens é assim — eu sou assim: sou fantasma desesperado".

Não obstantê êsse pessimismo, tão patéticamente confessado, não era Raul Brandão, um pessimista estrutural, como nos chama a atenção Feliciano Ramos, ao analisá-lo. Pois êle nutria um sonho permanente de felicidade para os homens. Sonho que êle propositadamente fazia frustrar-se perante as ocorrências da vida, na manipulação de seus enredos. Frustração que exagerava, e que resulta em prejuízo do realismo do quadro de miséria humana por êle descrito. O sonho constitui o sustentáculo de tôda a sua filosofia atribulada. Para êle, sonhar era uma forma de vingar-se da mesquinhez da vida.

Em seu livro, "Humus", indiscutivelmente a obra-prima de Raul Brandão, publicado em 1917, vamos encontrar as polémicas interiores, as lutas que se travam entre os dois "eus" de que falamos. É aí que aparece o fantasma com sua sabedoria estranha e com sua loucura lúcida, em perseguição da plenitude vital, que nos faz lembrar a dialética de Nietzsche. O sonho deixa de ser um simples devaneio ou mera divagação espiritual de fuga, e passa a constituir uma afirmação como universo em miniatura, davontade de domínio. Êle imagina o homem

como um universo em miniatura a querer participar do grande universo cósmico. Todavia, como romance, faltam a êsse livro de Brandão, certas formas básicas que caracterizam o gênero, e onde nós vamos encontrar histórias e personagens não definidas ou finalizadas, mais parecendo esboços ou bosquejos. Ademais, a tendência ao solilóquio, ao comentário, à meditação à divagação filosófica do autor, dentro do contexto do livro, tiram ao "Humus", como, aliás, a quase todos os seus livros, a característica de romance, e nos deixam, mesmo, um tanto impossibilitados de classificá-lo como gênero literário. Como afirma Jacinto de Prado Coelho, Raul Brandão criou um mundo obsessivo de tédio, sonho e grotesco, povoado por sêres humilhados, trênsidos; mas é demasiado poeta, demasiado extático, para entretecer "fábulas", compondo verdadeiros romances. Não se continha em permitir que os sêres e as coisas falassem por si, expressassem sua linguagem: tomava a palavra, falando por êles, muitas vèzes deformando-lhes a imagem autêntica.

Apesar do paralelo que se faz habitualmente entre êles e os escritores russos, como Dostoiewsky, por fôrça do seu interesse pelos humildes, como em outra parte já fizemos notar, deve-se contudo, manter sempre presente que Dostoiewsky, por exemplo, utilizando-se de personagens anormais, para salientar a duplicidade da natureza humana, compôs verdadeiros romances. Brandão, no entanto, talvez por ir buscar seus protagonistas numa escala de vida abaixo do normal, que vegetavam suas existências, por assim dizer, em forma de larvas, permanentemente subordinadas a convenções, a manias e a trejeitos mentais, deu à sua produção literária uma apresentação de processo inverso.

O "Humus" expressa bem essa característica de anti-romance. É todo um demorado monólogo que parte de uma realidade terra a terra, como o próprio título sugere e procura a esperança de uma vida sublime. Tudo isso, porém, dentro de um ambiente nebuloso, desde a paisagem e a descrição dos ambientes, até as criaturas. Uma temática, todavia, é comum em Brandão e Dostoiewsky — os dois procuraram demonstrar que sòmente é possível enfocar os problemas básicos da existência humana, através do sofrimento.

Em seu último livro, "O Pobre de Pedir", digamos, mais uma tentativa de romance, embora tornemos a encontrar a mar-

ca peculiar de Brandão, ou seja, a meditação interior, o arrevezamento dos períodos, uma sintaxe pouco rigorosa, e a falta de encadeamento lógico e sistemático no desenrolar do enredo, no entanto, nêsse livro, como em "A Farsa", Raul Brandão criou tipos e lhes deu vida própria e autonomia de movimentos. Existe, realmente, nessa obra uma concepção artística que revela grandiosidade. Além disso, aparecem problemas que não tinham sido ainda vislumbrados e, muito menos abordados pelo romancista.

O amor, por exemplo, que, para o autor ou para suas figuras de ficção, se tinha construído, até então, num sentimento puramente romântico, pela exaltação, porém, nunca corporificado em termos de realidade palpável, aparece, em "O Pobre de Pedir", sob a forma do amor burguês, configurado dentro do casamento, com suas limitações de tempo e de espaço. Infelizmente, apesar da perspicácia com que aborda o assunto, nem por isso, consegue êle nos deixar uma obra estruturada, dentro da contentação exigida pelo romance e num ritmo de tempo satisfatório. Coexistem no livro dois planos diferentes que se entrecruzam e que no final da obra se confundem: o plano social e o plano psicológico. Dentro do primeiro, nós vamos encontrar a personagem que se considera realizada na vida, mas que, ao olhar em torno, fica atormentado, julgando-se responsável pela miséria dos semelhantes que o cercam. No segundo plano, o psicológico, a personagem volta-se sobre si mesma e examina-se, sem rodeios, e se acredita de um egoísmo atroz, mentirosa e cheia de ódios. E mais uma vez temos o autor a monologar, envôlto pelas contradições próprias, denunciando a subversão dos valores, onde a mentira passa a ser vista como a grande causa de tudo: Vejamos êste trecho de "O Pobre de Pedir": "Que extraordinária tragicomedia um mundo onde seríamos forçados a mentir ao nascer e a mentir ao exalar o último suspiro. Condenados a mentir em todos os atos da vida: desde que falássemos verdade, contribuiríamos para a desgraça e para a dor dos outros. E assim, marcharíamos arrastando voluntariamente até a cova uma desmedida cruz de mentira, morrendo agarrado a ela, para podermos suportar a vida".

Como falamos no início dessas notas, é ao longo das pá-

ginas de seus livros que vamos encontrar o artista que foi Raul Brandão e, mais, porquanto a respeito de sua vocação de escritor, êle nada nos adianta. Mesmo quando recorda o seu convívio com Justino de Montalvão e Antônio Nobre não deixa transparecer o momento em que despertou para a observação, passando a interessar-se pelo mundo e pelas coisas com a acuidade do homem de letras que viria a ser. Ressalta, sim, a vocação dos companheiros para a literatura, omitindo, porém, qualquer referência sobre o seu próprio pendor e sobre seus propósitos literários. Parece que, em momento algum de sua vida, demonstrou Brandão, por pequena que fôsse, qualquer preocupação pela sua sorte como escritor. Costumavam os três Montalvão, Nobre e êle andar sempre juntos e, da evocação dessas andanças, em passeios de barco, colhemos êsse trecho, onde Brandão se refere aos companheiros e a suas manifestações de arte: "um açude onde as lavadeiras todo o dia cantam ao sol. Do fundo do barco o Justino ou o Nobre, atiravam-lhes uma quadra, a que elas respondiam logo, batendo a roupa. Alarido. Risadas. Depois outra vez o silêncio, o sol caindo às chapadas sobre a água, que mal se vê correr, um fio de ouro desfeito no fio verde — um livro — o banho... E o Justino adormecia na caverna, de papo para o ar, sonhando a mais bela obra do mundo, enquanto Nobre fazia versos". Aí termina a evocação. Sobre si próprio, nenhuma referência.

Dêle, sabemos, todavia, que começou suas manifestações literárias, através do jornalismo, para onde transportou seu pessimismo congênito, aliando o impressionismo da observação a manifestações de caráter romântico, traduzido em imagens lúgubres e diálogos soturnos.

Sua vocação para a literatura deve ter brotado, sem dúvida, ao contato com os companheiros da juventude e da primeira mocidade. Com o grande poeta do "Só", nascido no mesmo ano que êle, com Amilton de Araújo, desaparecido aos vinte anos, e com Justino de Montalvão que, mais tarde, em suas Memórias, recordaria "os tempos espumantes e fogosos em que começava a escalar as ruínas floridas do Parnaso o bando iconoclasta dos que a si mesmo se denominavam, com a soberana petulância da adolescência, os "Insubmissos". E aos quais, com

o irônico azedume da velhice, os Consagrados tinham crismado com alcunha de “Nefelibatas”.

No entanto, os primeiros escritos de Brandão não assumem esse tom insubmisso que seria de esperar, como fruto de suas reuniões literárias nos cafés do Pôrto, com êsse grupo de jovens a que pertencia. Sòmente mais tarde, no seu livro “História de um Palhaço”, é que êle, num retrocesso, ou melhor, com um certo retardamento, preconizaria os arroubos superabstratos da mocidade rebelde. Já não contém, porém, a emoção do momento em que foram realmente vividos e, talvez, por isso, careçam de autenticidade.

Não poderemos, todavia, por essa razão, desconhecer que, entre seu primeiro livro “Impressões e Paisagens”, aparecido em 1890 e a “História de um Palhaço”, publicado em 1896, tenha Raul Brandão avançado a passos largos, no caminho de sua afirmação intelectual de prosador vigoroso, apesar de sua inquietação, quando, já nessa época em que publicou suas “Impressões e Paisagens”, arquitetava a estrutura e o plano de seu grande livro “Os Pobres”, concretizado dez anos mais tarde.

De índole pacífica, malgrado sua rebeldia e seus protestos explicáveis pelo ambiente da geração literária a que pertenceu, seguiu Raul Brandão, por paradoxal que pareça, a carreira militar e, nisso, teremos de reconhecer o sentimento de docilidade e de ternura que nutria pelos pais, levando-o a abraçar uma profissão que se não ajustava a seu temperamento, mas que proporcionava orgulho e alegria àqueles que lhe deram a vida. E nela se manteve até 1911, quando se reformou, como major, abandonando em definitivo, uma ocupação profissional, que, em hora alguma lhe satisfizesse as aspirações nem lhe preencheu o espírito.

Foi então, que, vivendo em Lisboa, grande parte do seu tempo, na convivência de intelectuais inconformistas, da categoria de Jaime Cortezão e Aquilino Ribeiro, cujas idéias se difundiram através da revista Seara Nova, fundada em 1921, pôde Raul Brandão embalar seu velho sonho de produção teatral, tentando, de maneira efetiva e promissora, com as peças

“O Gebo e a Sombra”, “O Rei Imaginário” e “O doido e a Morte”.

Tendo viajando longamente pela Europa, com o objetivo de terapia para os nervos abalados por uma enfermidade, quase não encontramos, entretanto, em sua obra, referências, ou mesmo influência dessas paisagens e dêsse descobrimento de outras civilizações. Muito mais o interessou a visita que empreendeu, posteriormente à Madeira e aos Açores, possivelmente com vistas à obtenção real de informes para seu plano de escrever a “História Humilde do Povo Português”, que não chegou a realizar embora tanto haja forcejado. Essas viagens, contudo, aos Arquipélagos portugueses impressionou-o de tal jeito e, de maneira tão favorável que dela resultaram as belas páginas capituladas em seu livro “as Ilhas Desconhecidas”.

A longa doença que o atacou e da qual morreria sete anos mais tarde, em 1930, embora o fizesse padecer com o espectro da morte, nem por isso, arrebatou-lhe o hábito de sonhar e de planejar, sonhos e planos sempre além dos limites do atingível, como êstes: “Terei duas escravas para me servirem frutos translúcidos acabados de apanhar. Terei um barco para o contrabando nos mercados de Gibraltar e de Marrocos, satisfazendo, assim, os meus velhos instintos de pirata”... Sonhou até o fim.

E como bem afirmou João Pedro de Andrade: Apesar das sólidas amizades, Raul Brandão foi um isolado. A sua compleição de artista, estranhíssima para o nosso meio, nem sempre encontrou compreensão. Os seus melhores críticos rodearam de cautelosas limitações, algumas vezes justas, mas muitas vezes exageradas, o julgamento de sua obra.

Como em outros grandes criadores, a sua obra é apenas o esboço imperfeito do munto que sonhou. Ainda assim, é tão complexa quanto foi simples a sua vida.